



Título: O SOMBRIO NA LITERATURA: CRIANDO NARRATIVAS DE TERROR

Autoras: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zaparoli

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professor da turma: Rita de Cássia Peres

Ano: 7º (2014)

Contextualização do projeto: A leitura foi eleita como fio condutor do projeto por ser uma das práticas que estão no cerne do PPP da escola, além disso, as estagiárias observaram que os alunos participavam mais das aulas quando tinham atividades de leitura de diversos textos, outro ponto que favoreceu a escolha do gênero conto e o protagonismo da leitura foi a dificuldade com essa prática que os alunos demonstraram ter no período de observação. Por esses aspectos, por ser um gênero curto e por estar previsto na grade curricular do 7º ano, o gênero conto foi escolhido, especificamente os contos de terror, objetivando estimular, nos estudantes, a prática de leitura a longo prazo. Foram desenvolvidas atividades com as quatro práticas de uso da língua e a produção final do processo de ensino e aprendizagem foi a produção individual de um conto de terror, sendo os cinco melhores selecionados pelas estagiárias para apresentação oral para a turma.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aula	H/A	Atividade
1ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto que será realizado na turma - Leitura de A Coisa, de Ruth Rocha - Produção de uma descrição em uma folha entregue pelas professoras - Mostra da coisa da história dentro de uma caixa
2ª e 3ª aulas	2	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma pequena biografia de James Joyce - Leitura de O Gato e o Diabo, de James Joyce - Discussão sobre o conto lido - Apresentação de uma pequena biografia de Edgar Allan Poe - Leitura do conto O Gato Preto, de Edgar Allan Poe
4ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do curta-metragem Vincent, de Tim Burton - Discussão sobre a relação do curta com o conto lido na aula anterior - Atividade escrita de interpretação
5ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do conto Crianças à venda, de Rosa Amanda Strausz - Exibição do curta-metragem Alma, de Rodrigo Blaas - Atividade escrita, para casa, de interpretação do conto lido na última aula e do curta-metragem Alma
6ª e 7ª aulas	2	<ul style="list-style-type: none"> - Correção das atividades das aulas anteriores. - Exposição sobre a configuração e os elementos do conto (personagem, narrador, espaço, tempo e enredo), retomando os contos já trabalhados - Exercício de criação sobre os elementos do conto
8ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade em grupo de escrita a partir dos elementos do conto
9ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do conto O coração peludo do mago, de J.K. Rowling - Discussão sobre os elementos do conto e exercício
10ª e 11ª aula	2	<ul style="list-style-type: none"> - Correção de atividades realizadas sobre O coração peludo do mago - Motivação - Começo de conversa: As professoras trazem uma música de terror e imagens de personagens assustadores e os alunos devem falar palavras horripilantes através dessas imagens - Proposta de produção textual de um conto
12ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Explicação sobre o uso de adjetivos baseada nas produções dos alunos - Dinâmica sobre adjetivos
13ª aula	1	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios escritos sobre adjetivos
14ª e 15ª aulas	2	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do conto A ceia dos mortos, de Salma Ferraz - Reescrita do conto

16ª aula	1	- Exibição do curta-metragem Deathigner - Leitura dos melhores contos selecionados pelas estagiárias Suzy Zapparoli e Ana Eltermann
----------	---	--

Gênero textual/discursivo de referência: contos de terror

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de contos de terror; o exercício da leitura através dos contos de terror selecionados; o trabalho com a oralidade se deu através das discussões realizadas nas aulas acerca dos textos lidos pelos estudantes; e a análise linguística foi trabalhada a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes com foco especial no uso dos adjetivos.

Objetivos: Desenvolver as potencialidades nas práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística através de contos de terror e outras linguagens artísticas, aprofundando o conhecimento sobre a classe gramatical adjetivos e sobre o gênero conto e seus elementos narrativos.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório de leitura e desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê, considerando a importância das particularidades do gênero estudado.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita a partir da produção de um conto de terror, considerando a função social, a forma de composição e os recursos expressivos e linguísticos do gênero.

Quanto à análise linguística: Reconhecer as características do adjetivo e seu funcionamento no texto, com base na análise das produções dos próprios alunos como ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (1h/a)

Primeiramente, fazer a apresentação do projeto que será realizado. Em seguida, realizar a leitura da parte inicial do texto *A Coisa* de Ruth Rocha (anexo 1)¹ enquanto os alunos acompanham nas cópias entregues a eles. Nesse momento, mostrar uma caixa fechada, na qual estaria o objeto que provoca medo nos personagens ficticiais.

Após a leitura e observação da caixa, os alunos deverão produzir uma descrição do que seria “a coisa”, imaginada por eles, em uma folha de papel almaço. A descrição deverá ter algumas características (adjetivos) do objeto. Essa produção deverá ser entregue.

Por fim, mostrar *a coisa* presente na história, a saber, um espelho, que está dentro da caixa, que será passada para que cada aluno veja. Em seguida, ler o desfecho da história, que está na segunda parte da história.

Aulas 2 e 3 (2h/a)

No início da aula, fazer a motivação para a aula, contando um pouco da biografia de James Joyce e fazer a leitura de seu conto *O gato e o diabo* (anexo 2)², incentivando cada aluno a ler uma parte do texto (uma ideia é trazer uma caixa com os nomes dos alunos, o nome sorteado será o próximo a ler). Para facilitar, projetar o conto no quadro através do uso de projetor multimídia. Em seguida, através de algumas perguntas, conduzir a discussão sobre o conto: será que gato preto dá azar?, o prefeito agiu de forma correta ao fazer um acordo com o diabo?, o prefeito teve uma boa ideia?, quais outras estratégias poderiam ser usadas para enganar o diabo?, entre outras.

Após a discussão, ler o conto *O gato preto* de Edgar Allan Poe³, enquanto os alunos acompanham nas cópias entregues a eles. Em seguida, expor um pouco sobre a vida do escritor Edgar Allan Poe.

Aula 4 (1h/a)

¹ Esse texto não é facilmente encontrado na internet de forma gratuita e por essa razão foi incluído no anexo 1.

² Esse conto não é facilmente encontrado na internet de forma gratuita e por essa razão foi incluído no anexo 2.

³ Conto disponível em:

<http://cafeliterari-o.blogspot.com/2015/10/leia-o-conto-o-gato-preto-de-edgar-allan-poe.html>. Acesso em 24.06.2021.

Apresentar aos alunos o curta-metragem *Vincent*⁴, dirigido por Tim Burton, e em seguida fazer uma discussão oral através das questões: o que você acha da vida imaginada por Vincent?, qual a coisa mais aterrorizante do curta assistido?, quais as relações que podem ser estabelecidas entre o conto *O gato preto* e o curta-metragem *Vincent*?. Após a discussão, realizar algumas questões de interpretação (anexo 3) relacionadas ao conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe, e o curta metragem visto, as quais os alunos deverão responder por escrito.

Aula 5 (1h/a)

Realizar uma leitura inicial em voz alta para os alunos do conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz⁵. Em seguida, fazer uma apresentação biográfica breve sobre a autora do texto, uma conversa com os alunos sobre o tema abordado, além de uma reflexão sobre a própria forma de composição do gênero conto.

Após isso, exibir o curta-metragem de animação *Alma*⁶ e discutir o mesmo e sua relação com o conto lido anteriormente. Entregar a folha de exercícios de interpretação (anexo 4), nos quais há perguntas relacionando o conto com o curta-metragem, que devem ser respondidas pelos alunos no momento final da aula. Permitir que os alunos que não concluírem a atividade terminem na próxima aula.

Aulas 6 e 7 (2h/a)

Dar tempo para que os alunos concluam o exercício escrito iniciado na aula anterior. Após isso, retomar os contos trabalhados com a correção dos exercícios de interpretação propostos.

Em seguida, fazer uma exposição oral dos elementos da narrativa que configuram o gênero conto. Neste momento, retomar os contos trabalhados anteriormente, para ilustrar sua exposição.

Por fim, distribuir aos alunos uma folha (anexo 5), na qual escreverão descrições fictícias de personagens, espaços, etc. Estas serão utilizadas na próxima aula.

Aula 8 (1h/a)

⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5s85a-fAwAI>. Acesso em 24.06.2021.

⁵ Conto disponível em: <https://encontos.webnode.com.br/products/crian%C3%A7as-%C3%A0-venda-tratar-aqui/>. Acesso em 24.06.2021.

⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irbFBgI0jhM>. Acesso em 24.06.2021.

No começo da aula, reunir os estudantes em grupos de cinco ou seis alunos, através da entrega de papéis coloridos. Antes da entrada dos estudantes na sala, organizar as classes dos estudantes em grupos.

Colocar em caixas diferentes papéis com algumas descrições de personagem, tempo, espaço e tipos de narrador retirados das fichas preenchidas pelos alunos na aula anterior. Cada grupo irá retirar um papel de cada caixa, tendo assim um de cada dos quatro elementos da narrativa (um personagem, um espaço, um tempo e um tipo de narrador).

Entregar o modelo (anexo 6) para que cada grupo preencha, em conjunto, e elabore um pequeno conto de terror com os elementos narrativos sorteados.

Aula 8 (1h/a)

Iniciar a aula com a leitura do conto *O coração peludo do mago*, de J.K. Rowling (anexo 7)⁷, para em seguida realizar uma discussão interpretativa oral sobre o conto a partir das seguintes questões: por que o mago resolveu tirar o coração do corpo?, vocês acham que os sentimentos (amor, medo, tristeza, etc.) nos atrapalham?, vocês gostariam de viver sem sentimentos?, se vocês fossem um mago, que outras ideias vocês teriam para não sentir emoções?, vocês observam alguma semelhança com o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe?, entre outras.

Em seguida, realizar uma explicação sobre os elementos da narrativa através do conto lido e orientar os alunos para que respondam um exercício (anexo 8) que será corrigido na próxima aula.

Aulas 10 e 11 (2h/a)

Em um primeiro momento, distribuir papéis coloridos aos alunos, colocar uma música assustadora e passar para os alunos imagens em papel que lembram histórias de terror (casas assombradas, fantasmas, gato preto, monstros, etc.). Incentivar os alunos a passarem as imagens uns para os outros, escreverem nos papéis coloridos, palavras que eles consideram assustadoras, ou que lembrem alguma história de terror já lida por eles. Recolher os papéis com as palavras dos alunos e colá-los no quadro.

A seguir, fazer uma proposta de produção textual, na qual os alunos escreverão um conto assustador individualmente. Para a escrita, haverá como inspiração ou motivação as fichas criadas por eles em uma aula anterior (com a criação de um personagem, um espaço,

⁷ Esse conto não é facilmente encontrado na internet de forma gratuita e por essa razão foi incluído no anexo 7.

um tempo e um narrador), as palavras pensadas por eles e pelos colegas na dinâmica e os contos lidos ao longo das aulas. Utilizar o restante da aula para a escrita.

Aula 12 (1h/a)

Primeiramente, realizar uma exposição sobre os usos dos adjetivos e sua função sintática para, em seguida, comentar sobre sua utilização nas produções textuais dos estudantes. Após isso, fazer uma dinâmica na qual serão entregues dois pequenos papéis para cada aluno. Em um deles, o aluno deverá escrever um substantivo e em outro um adjetivo qualificando o substantivo escolhido. Então, recolher esses papéis e os colocar em duas caixas: uma para os substantivos e outra para os adjetivos. Os alunos terão que escolher um papel de cada caixa para em seguida ler em voz alta o resultado obtido pela junção inesperada dos elementos.

Aula 13 (1h/a)

Iniciar a aula com a entrega de uma folha com um exercício sobre adjetivos para cada aluno (anexo 9). Este exercício será feito com uma música, *Erva venenosa*, de Rita Lee, a ideia é que os alunos preencham as lacunas com os adjetivos que faltam na letra. Após isso, entregar uma segunda folha (anexo 10) com um exercício para que cada aluno resolva individualmente. Na correção, os alunos farão a leitura de algumas respostas elaboradas por eles.

Aulas 14 e 15 (2h/a)

Nesta aula, avisar aos alunos que eles poderão escolher o lugar em que irão sentar, para o desenvolvimento da dinâmica de leitura que se dará na sequência. Iniciar a aula com a entrega das produções dos alunos para a reescrita do conto de terror, que deverá ser feita em 30 minutos.

Depois do momento de reescrita organizar a leitura do conto *Ceia dos mortos*, de Salma Ferraz (anexo 11)⁸, escolhendo alguns alunos para ler em voz alta. A escolha dos alunos se dará através da seguinte maneira: embaixo de algumas cadeiras estarão coladas imagens numeradas de um a dez; aqueles alunos que encontrarem as imagens, serão os escolhidos para fazer a leitura.

⁸ Esse conto não é facilmente encontrado na internet de forma gratuita e por essa razão foi incluído no anexo 11.

Após esta atividade, conduzir uma discussão oral sobre o conto lido, a partir de algumas questões: por que os habitantes da cidade gostavam quando alguém morria?, vocês acham que os costumes são definidos coletivamente?, vocês conhecem alguns costumes que são muito diferentes dos seus?.

Por fim, apresentar, fazendo uso de projetor multimídia, alguns costumes de outras culturas relacionados à morte, como a “Santa Morte” da cultura mexicana e suas celebrações do Dia dos Mortos; os costumes japoneses relacionados ao tema; os rituais fúnebres dos índios Tupi e Guarani; o “famadihana” praticado na ilha de Madagascar; o “zoroastrismo”, costume praticado na Índia e no Irã; e ainda, nas civilizações antigas, o Funeral Viking e o processo de mumificação dos faraós no Egito.

Aula 16 (1h/a)

Apresentar aos alunos o curta-metragem *Deathigner*⁹, para em seguida fazer uma discussão oral através das seguintes perguntas: como vocês imaginam a figura da morte?, a morte necessariamente precisa lembrar algo ruim?; como é a escola da morte?; o que se aprende lá?.

Para finalizar o projeto, selecionar os melhores contos escritos pelos alunos e convidar seus autores para que façam a leitura de suas obras.

Anexos

Anexo 1 - *A coisa*, de Ruth Rocha

A coisa — Ruth Rocha

(Primeira Parte)

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mtpw8fQ-lw>. Acesso em 24.06.2021.

queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

— Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

— A Coisa! — ele gritava. — A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados! Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

— A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

— Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem! — Mas o meu existe! — disse Alvinho.

— Tá bem, tá bem, eu vou — disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há... E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

(Segunda Parte)

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um

lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol desprendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

Anexo 2 - *O gato e o diabo* de James Joyce

O GATO E O DIABO

James Joyce

Villers-sur-Mer, 10 de agosto de 1936

Querido Stevie,

Dias atrás mandei para você um gatinho de brinquedo recheado de bombons, mas talvez você não tenha ouvido falar do gato de Beaugency.

Beaugency é uma cidade antiga, deste tamanhinho, que fica às margens do Loire, o rio mais longo da França. O Loire é, também, muito largo, pelo menos comparado com os outros rios de lá. Quando passa por Beaugency o rio é tão largo que, se você quiser atravessar de uma margem à outra, teria que dar, no mínimo, mil passos.

No passado, quando os habitantes de Beaugency queriam atravessar o rio, eles eram obrigados a ir de barco, por que... ponte? Nem pensar! Eles não tinham dinheiro para construir ponte alguma e, muito menos, pagar gente que construísse uma para eles. Então, fazer o quê?

O Diabo, que está sempre lendo tudo que é jornal, ficou sabendo deste triste fato. Então, se vestiu muito bem vestido e foi fazer uma visitinha ao Senhor Prefeito de Beaugency, que se chamava Monsieur Alfred Byrne.

O Senhor Prefeito, que também adorava se vestir bem, recebeu o Diabo usando um magnífico manto vermelho e uma impressionante corrente de ouro, que trazia sempre pendurada no pescoço. Não se separava da corrente nem enquanto dormia, encolhido, com os joelhos quase na boca.

O Diabo contou para o Senhor Prefeito o que tinha lido nos jornais e disse que estava disposto a construir uma ponte em Beaugency para que o povo todo pudesse atravessar o rio quantas vezes quisesse.

Disse que podia construir uma ponte tão boa quanto a melhor que existia no mundo, e mais: podia construí-la numa única noite! O Prefeito perguntou ao Diabo quanto é que custaria aquela *maravilha*.

“Dinheiro nenhum”, respondeu o Diabo. “Faço de graça. Só quero uma coisa: o primeiro que atravessar a ponto vai me pertencer.”

“Combinado”, disse o Prefeito.

A noite chegou e todo o povo de Beaugency foi dormir.

Quando amanheceu, cada um que abria a janela dava com uma bela ponte de pedra, muito bem construída, atravessando o rio todinho. E todos gritavam, fascinados: “Ah, Loire, que ponte linda que a gente ganhou!”.

Todo mundo correu pra cabeceira da ponte para apreciar melhor a grande obra. Enquanto o Diabo, de pé, na margem oposta do rio, ensaiava um passo de dança, esperando o primeiro a atravessar. Mas ninguém se atrevia a dar um passo, por medo do Diabo.

De repente, ouviu-se o som das trombetas – sinal para que o povo silenciasse –, e o Prefeito, Monsieur Alfred Byrne, surgiu envolto no seu magnífico manto vermelho, ostentando a pesada corrente de ouro em volta do pescoço. Carregava um balde cheio d’água e, com a outra mão, amparava um gato espremido debaixo do braço.

O Diabo parou de dançar quando viu o Prefeito aparecer na outra margem do rio. Pegou a luneta para enxergar melhor. O povo todo começou a cochichar. O gato levantou o olhar para o Senhor Prefeito e assim ficou, uma vez que, na cidade de Beaugency, era permitido gato grudar o olho em prefeito.

Quando o gato se cansou de olhar para o Prefeito (até os gatos se cansam de olhar para prefeitos), começou a brincar com a tal corrente de ouro dele.

O Senhor Prefeito parou na cabeceira da ponte. Cada homem travou a respiração; cada mulher prendeu a língua. O Prefeito depositou o gato na ponte e, com a rapidez de um raio, tchaaaaaa!, despejou o balde inteiro em cima do gato.

O gato, agora entre o Diabo e o balde d'água, nem pestanejou! Orelha apontada pra trás, varou a ponte numa corrida desabalada e se jogou nos braços do Diabo. O Diabo ficou danado feito só mesmo um diabo fica. “*Messieurs le Balgentiens*”, ele berrou lá do outro lado da ponte, “*vous n’êtes pás de belles gens du tout! Vous n’êtes que des chats!*” E chamou o gato: “*Viens ici, mon petit chat ! Tu as peur, mon petit chou-chat ? Tu as froid, mon pau petit chou-chat ? Viens ici, le diable t’emporte ? On va se chauffer tous le deux*”¹.

E lá se foram os dois.

Desde aquele dia, os habitantes da cidadezinha ficaram conhecidos por “*les chats de Beaugency*” (os gatos de Beaugency).

Mas a ponte ainda está lá, e as crianças estão sempre nela: andando, bicicletando, brincando.

Espero que você tenha gostado dessa história.

Nonno.

P.S.: O Diabo, em geral, fala uma língua que ele mesmo vai inventado mundo afora, chamada bellysbabble; mas ele fala, também, um monte de outras línguas. Só que, quando fica zangado, ele fala um francês macarrônico muito bom, apesar de quem já o ter ouvido falar assim dizer que ele tem um forte sotaque dublinense.

¹Para quem não entende muito bem francês macarrônico, o Diabo falou mais ou menos assim: “Povo de Beaugency, vocês não são gente boa! Vocês não passam de gatos de telhado: vira-latas!”. Depois, disse ao gato: “Vem cá, meu gatinho, vem. Tá com medo, não é, meu fofo? Não fique assim, não, o Diabo vai tomar conta de você, viu? Tá com frio? A gente se aquece um no outro, pobre gatinho, vem”.

Anexo 3 - Questões de interpretação aula 4

Exercícios de interpretação

1. Por que o personagem do conto *O gato preto* não gostava do gato Plutão? E por que não gostava do segundo gato?
2. Leia o quadrinho abaixo e responda as questões:



- a) Quais as relações que você encontra entre o quadrinho e o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe?
 - b) O que você acha das superstições? Você acredita em alguma? Quais outras superstições você conhece?
3. No curta-metragem que assistimos, o personagem Vincent gostava de ler o autor Edgar Allan Poe, por causa de sua temática de terror. Quais as relações que você percebeu entre o conto *O gato preto* e o curta-metragem *Vincent*?

Anexo 4 - Questões de interpretação aula 5

Exercícios de interpretação

1. No conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz, como a filha mais velha descobre que tem algo de errado com o irmão?
2. No mesmo conto, você acha que a mãe agiu certo em vender seus filhos?

Por quê?

3. Qual relação você pode ver entre o conto *Crianças à venda* e o curta-metragem *Alma*?

4. No conto, não sabemos exatamente o que acontece com o irmão caçula. Somente ao final descobrimos que ele já morreu. Imagine que a filha mais velha recebe a visita de seu irmão em um sonho. O que você imagina que ele lhe diria? Continue a história abaixo:

A filha deita em sua cama cansada da viagem e abalada com a notícia da mãe. Não podia acreditar que seria a próxima a ser vendida para o mesmo casal que adotou seu irmão. Na mão, ainda carrega a última foto que a mãe recebeu e, olhando para si mesma no retrato, adormece.

De repente, ela ouve um barulho no corredor, anda lentamente até lá e vê uma sombra que a chama. Leva um susto, mas então percebe que a figura lembra o seu irmão. Aproxima-se dele e pergunta:

— O que aconteceu contigo? O que aquele homem e aquela mulher fizeram? Ele responde:

Anexo 5 - Folha de descrição

Aluno(a): _____

Ficha do personagem

Nome ou como é chamado:

Características físicas:

Características psicológicas:

Espaço

Nome do espaço/tipo de espaço:

Faça uma descrição do local:

Tempo

A história acontece:

() em um tempo passado () no presente, na atualidade () em um tempo futuro

Caracterize este tempo que você imaginou:

Narrador

() Narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa (o narrador é uma das personagens da história. Ao mesmo tempo que conta os fatos, participa deles, mostra-se. Percebemos sua presença pelo uso da 1ª pessoa: *eu*, *nós* ou *a gente*.)

() Narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa (ausente do texto, limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões. O leitor não percebe a presença dele no texto.)

() Narrador intruso (não toma parte nos acontecimentos, mas comenta os fatos, expressa sentimentos e opiniões.)

Anexo 6 - Modelo de conto de terror para preencher em grupos

Exercício

1. Preencha as lacunas com as fichas sorteadas pelo grupo e, em seguida, continue a história.

Em _____ (tempo), quando tudo parecia perdido, _____ (personagem) foi até _____ (espaço) e encontrou _____. Foi quando, inesperadamente...

Anexo 7 - *O coração peludo do mago* de J.K. Rowling

O coração peludo do mago — J.K. Rowling

(do livro *Os contos de Beedle, o bardo*)

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso, que observou que seus amigos agiam como tolos quando se apaixonavam, se enfeitando, andando aos saltos e corridinhas, perdendo o apetite e a dignidade. O jovem mago resolveu jamais se deixar dominar por tal fraqueza, e recorreu às artes das trevas para garantir sua imunidade.

Sem saber do seu segredo, a família do mago achava graça de vê-lo tão distante e frio. “Tudo mudará”, vaticinavam eles, “quando uma donzela atrair seu interesse!” O jovem mago, porém, permanecia impassível. Embora muita donzela se sentisse intrigada por seu ar altivo e recorresse às artes mais sutis para agradá-lo,

nenhuma conseguia tocar seu coração. Ele se vangloriava de sua indiferença e da sagacidade que a produzira. O frescor da juventude foi dissipando-se e os jovens de mesma idade e posição que o mago começaram a casar e a ter filhos.

“O coração deles deve ser apenas uma casca”, desdenhava ele mentalmente, observando o ridículo comportamento dos jovens pais ao seu redor, “ressecada pelas exigências desses pirralhos chorões!”

E mais uma vez ele se felicitou pela sabedoria da opção que fizera no primeiro momento. No devido tempo, os pais do mago, já idosos, faleceram. O filho não lamentou a morte deles; ao contrário, considerou-se abençoado por terem desaparecido. Agora ele reinava sozinho em seu castelo. Depois de transferir o seu maior tesouro para a masmorra mais profunda, ele se entregou a uma vida desregrada e farta, na qual o seu conforto era o único objetivo dos inúmeros criados.

O mago estava convencido de que devia ser alvo da imensa inveja de todos que contemplavam sua solidão esplêndida e despreocupada. Feroz, portanto, foi sua raiva e desgosto, quando um dia ouviu dois dos lacaios discutindo a sua pessoa.

O primeiro criado manifestou pena do mago que, com tanto poder e riqueza, continuava sem alguém que o amasse.

Seu colega, entretanto, desdenhou, perguntando por que um homem com tanto ouro e dono de tão esplêndido castelo não fora capaz de atrair uma esposa.

Tal conversa desferiu um terrível golpe no orgulho do mago que os ouvia.

Ele decidiu imediatamente escolher uma esposa, e uma que fosse superior a todas as existentes. Possuiria uma beleza assombrosa e provocaria inveja e desejo em todo homem que a contemplasse; descenderia de uma linhagem mágica para que seus filhos herdassem excepcionais dons de magia; e seria dona de uma fortuna no mínimo igual à dele, para garantir sua confortável existência, apesar do acréscimo de pessoas e despesas.

Encontrar tal mulher talvez levasse cinquenta anos, mas aconteceu que, no dia seguinte à sua decisão, chegou à vizinhança, em visita a parentes, uma donzela que correspondia a todos os seus desejos.

Era uma bruxa de prodigioso talento e dona de grande riqueza. Sua beleza era tanta que mexia com o coração de todos os homens que a contemplavam, isto é, todos, exceto um. O coração do mago não sentiu absolutamente nada. Contudo, a moça era o prêmio que ele buscava, e, assim sendo, começou a cortejá-la.

Todos que notaram a mudança no comportamento do mago ficaram surpresos e disseram à donzela que ela tivera êxito, onde uma centena de outras havia fracassado.

A jovem, por sua vez, sentiu ao mesmo tempo fascínio e repulsa pelas atenções do mago. Ela pressentiu a frieza que havia sob o calor de suas lisonjas, pois jamais conhecera um homem tão estranho e distante. Seus parentes, contudo, consideraram essa união extremamente desejável e, muito interessada em promovê-la, aceitaram o convite do mago para um grande banquete em homenagem à donzela.

A mesa, carregada com peças de ouro e prata, continha os mais finos vinhos e as comidas mais suntuosas. Menestréis dedilhavam alaúdes de cordas sedosas e cantavam um amor que o seu senhor jamais sentira. A donzela sentou-se em um trono ao lado do mago, que lhe falava suavemente, empregando palavras de carinho que roubara dos poetas, sem a mínima ideia do seu real significado.

A donzela ouvia, intrigada, e por fim respondeu:

— Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!

O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro.

Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago. Há muito tempo desligado dos olhos, ouvidos e dedos, o coração jamais se deixara cativar pela beleza, ou por uma voz musical, ou pelo tato de uma pele sedosa. A donzela ficou aterrorizada ao vê-lo, pois o coração encolhera e se cobrira de longos pêlos negros.

— Ah, o que você fez! — lamentou ela. — Reponha o coração no lugar a que pertence, eu lhe imploro!

Ao perceber que isto era necessário para agradá-la, o mago apanhou a varinha, destrancou a caixa de cristal, abriu o próprio peito e repôs o coração peludo na cavidade vazia que outrora ocupara.

— Agora você está curado e conhecerá o verdadeiro amor! — exclamou a donzela e abraçou-o.

O toque dos macios braços alvos da donzela, o som de sua respiração no

ouvido dele, o aroma dos seus cabelos dourados; tudo isto penetrou como uma lança o seu coração recém despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.

Os convidados ao banquete notaram a ausência do anfitrião e da donzela. A princípio despreocupados, começaram, porém, a se sentir ansiosos à medida que as horas passavam e, por fim, decidiram revistar o castelo.

Acabaram encontrando a masmorra, onde uma cena aterrorizante os aguardava. A donzela jazia morta no chão, de peito aberto, e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos ensanguentadas um grande e reluzente coração, que ele lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu.

Na outra mão, ele empunhava a varinha, tentando induzir o coração murcho e peludo a sair do próprio peito. O coração, porém, era mais forte do que ele e se recusou a renunciar ao controle dos seus sentidos ou a retornar à urna em que estivera trancado por tanto tempo.

Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.

Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante, segurando um coração em cada mão; em seguida caiu atravessado sobre o corpo da donzela e morreu.

Anexo 8 - Questões de interpretação aula 9

Exercícios de interpretação

1. Complete a tabela com os elementos narrativos do conto *O coração peludo do mago*, de J.K. Rowling:

Elementos da narrativa	
Personagens	
Espaço	

Tempo	
Tipo de narrador	

Enredo	
Situação Inicial	
Conflito	
Clímax	
Desfecho	

Anexo 9 - Exercício 1 aula 13

Exercício sobre adjetivos

1. Ouça a música Erva venenosa de Rita Lee e complete com os adjetivos que faltam de acordo com a letra:

Erva Venenosa - Rita Lee

Parece uma rosa

De longe é _____

É toda _____

A alegria _____ incomoda _____!

Êh êh êh êh! Erva _____

Êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

De longe não é _____

Tem voz de uma sereia

Cuidado, não a toque

Ela é _____

Pode até te dar um choque

Venenosa! Êh êh êh êh êh!

Erva _____

Êh êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

Se porta como _____

Achata bem a boca

Parece uma bruxa

Um anjo _____

Detesta todo mundo

Não para um segundo

Fazer maldade é seu ideal

Oh! Oh! Oh!

Como um cão _____

Seu grito é _____

É _____

e _____

Deus do céu!

Como ela é _____

_____!

Êh êh êh êh êh!

Erva _____

Êh êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

Se porta como _____

Achata bem a boca

Parece uma bruxa

Um anjo _____

Detesta todo mundo
Não para um segundo
Fazer maldade é seu ideal
Han! Han! Han! Haaaan!
-Xá prá lá!
Erva _____!
Erva venenosa!
Venenosa!
Venenosa!
Venenosa!
Venenosa!
Erva venenosa!
Erva venenosa!
Erva venenosa!
Erva venenosa!

Anexo 10 - Exercício 2 aula 13

2. Preencha as lacunas com os adjetivos ou locuções adjetivas que você considerar mais apropriados para criar uma história assustadora. Em uma cidade _____, onde tudo era muito _____, havia um parque de diversões _____, habitado por um fantasma muito _____. Certo dia, um menino _____, que estava jogando bola próximo ao parque, deixou ela cair para dentro dos muros _____ do lugar. Como a criança era muito _____, não pensou duas vezes e pulou o muro. Ao cair na terra _____, percebeu que sua bola _____ estava no carrossel, que rodava lentamente, sem que ninguém estivesse perto para controlar o brinquedo. Uma música _____ tocava enquanto o carrossel _____ girava. O menino aproximou-se para pegar sua bola, quando viu um vulto _____ passar ao seu lado. A criança _____ gritou, mas ninguém podia ouvi-la, pois o parque era _____. Antes que o menino pudesse recuperar o fôlego, a sombra _____ o calou. Na cidade _____, ninguém, nunca mais, viu o menino _____.

Anexo 11 - Ceia dos mortos de Salma Ferraz

A CEIA DOS MORTOS

Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão. I Cor. 15:54.

Ouvi esta estória no interior do Mato Grosso e desde aquele dia fiquei repleta de sombras pensando em quantos mortos carregamos incrustados em nossas rugas e em nosso espírito. Preciso ressuscitar alguns mortos e transportá-los das trevas da morte para o brilho também enganoso da escritura, nem que seja por uns breves momentos, à luz de um conto, dos teus olhos e do teu julgamento, caro leitor. Tu, sombra do porvir, todos nós, cadáveres adiados por antecipação e teimosia, não passamos de rascunhos de mortos. Sim, da nossa inimiga mais inflexível, mistérios de todos os mistérios, aquela que não aceita rendição, não oferece trégua, ao contrário, metralha impiedosamente até que cada uma de nossas células se desintegre e sejamos somente pó – ela, a Morte, a nossa predestinada noiva negra que nos espera para nossas núpcias eternas. Inimiga impossível de se destruir porque não é feita da mesma matéria de que somos feitos. Aquela que possui os atributos de Deus ou do Diabo, a insondável, com a qual ninguém quer conversar. Todo homem tem que se haver com a Morte, o único destino inelutável de todo ser humano.

No sertão do Mato Grosso existia uma vila pequenina denominada Salto do Céu, lugar parado no tempo, onde absolutamente nada acontecia a não ser, a espaços de anos, algumas mortes. Naquele lugar, a antiga população foi desaparecendo aos poucos. Os próprios velhinhos contavam que haviam participado da II Guerra e, desanimados com o mundo, não mais quiseram ter filhos. Dessa forma, nascia-se de menos e morria-se demais. Com exceção das missas domingueiras, a rotina preguiçosa transformava tudo numa mesmice sem fim. Devido a isso, a morte de qualquer pessoa assumia uma pompa imensa e era quase desejada.

Quando passava um ano sem que ninguém morresse, uma tristeza invadia o

coração dos habitantes, e os mais velhos, principalmente aqueles que chegavam aos noventa anos sem dar pistas de que pretendiam cruzar a última fronteira, eram olhados de soslaio nas ruas e sentiam-se um estorvo. Era como se estivessem ali ganhando um tempo extra, roubando daquelas pessoas o direito a um festivo enterro. As mulheres guardavam roupas pretas para as festividades fúnebres e olhavam os mais velhos ainda fortes com indisfarçável tristeza. Por que aquele doente permanecia vivo e lhes roubava o direito ao desfile de gala? Houve um caso duma velhinha que teve uma parada cardíaca. O povo todo já se preparava, encomendava caixão; o carpinteiro afiava as plainas; as mulheres expunham suas roupas pretas aos raios de sol; a florista fazia suas coroas enfeitadas de cores do arco-íris, mas o fraco coração da pobre alma, de raiva, voltou, devagarzinho, a bater. Foi uma desilusão geral e a doente ficou numa tristeza só, sentindo-se culpada por não ter descido à tumba. Era Jó amaldiçoando o dia em que não morrera. A vida deveria ser breve como a flor e a morte o maior e mais belo de todos os sacramentos, já que ela nos concede o domínio da eternidade. Era isso que pensavam os habitantes daquele fim do mundo, com muito mais de cem anos de solidão pesando em suas estórias.

Porém o tempo foi passando e os costumes mortuários foram desaparecendo; quase não existiam mais velhinhos. Com o passar dos anos, outros jovens imigrantes vieram e invadiram o vilarejo, transformando-o numa próspera cidadezinha. Trouxeram consigo um banco, um hospital e até uma funerária. Não se morria mais como se morria antigamente.

Agora não havia mais graça em morrer; a morte deixara de ser pública; fazia-se tudo muito rápido. No próprio hospital, o morto já era arrumado pelos agentes funerários, que tornavam a morte limpa, disfarçando-a da melhor maneira possível. Coroas de flores verdadeiras que davam pouco trabalho e duravam também bem pouco, missas rápidas; nada de carpideiras, nada de escândalos, nada de velório, nada de bolinhos, nada de piadas, nada de luto. Golpearam a face pálida da morte e a morte morreu; findara-se o vale de lágrimas e o preto saíra definitivamente de moda.

Próximo à cidadezinha, há alguns quilômetros dali, moravam numa fazenda em decadência quatro irmãos. Eram os últimos velhinhos da antiga vila que foram

empurrados para a zona rural pelo progresso indesejável. Eles faziam parte da família que, no passado, estava presente em todos os velórios. Eram obcecados pela morte, adoravam os velórios e nunca faltavam a nenhum: eram os primeiros a chegar e os últimos a sair. Os novos moradores diziam que eles tinham vocação para a morte e que o olhar deles não pertencia mais a este mundo. Por amarem tanto a morte nunca se casaram, pois, ter filhos, para eles, era perpetuar as desgraças desta vida e criar preocupações além-túmulo. Aceitavam friamente o tripé do destino de todos os humanos: carne, osso e pó.

Mas, apesar de sentirem prazer com a morte e os rituais a ela relacionados, eles não morriam. Da vila de outrora só sobraram eles, os irmãos-morte, como eram chamados, já que todas as suas antigas atividades estavam relacionadas à morte. Seu Judas Morte fazia caixão, seu João Morte era o padre que encomendava as almas, seu Tiago Morte, o velho coveiro e Maria Morte, a que bordava mortalhas, as mais lindas de Salto do Céu. Entendiam de todos os procedimentos relativos à morte, porém, para eles, apesar de todo o ritual com missa, caixão, coroas, aquela lamentação, aqueles vestidos pretos, os bolinhos, a cara do viúvo ou da viúva, os discursos, as despedidas, tudo isso não era suficiente para a grandeza que o momento exigia, para o espetáculo apoteótico da morte, a velha amante de Deus, como tão bem descreveu a dama belga-francesa. Na hora suprema da morte, todos ganham o estatuto de estrelas cadentes; simplesmente é a hora da estrela, como bem definiu outra grande dama, esta ucraniana de nascimento e brasileira de alma. Naquele insólito lugar, as pessoas mais velhas já tinham todas passado para o outro lado pelas mãos dos irmãos-morte, e os novos cidadãos tinham horror à morte e antipatia por aquela família grotesca. Diziam que os irmãos-morte nem sombra no chão faziam e que até a própria Morte os respeitava e que seus olhos não tinham mais brilho. Por isso a tétrica família deixara a cidade em formação e nunca mais fora vista.

Com os olhos já baços, viviam isolados na fazenda, que foi apelidada por um jovem padre de Vale da Sombra da Morte. Só mensalmente um velho homem da cidade lhes levava os provimentos necessários. Os anos se passavam, a fazenda era só ruínas e eles foram morrendo um por um, velando-se entre si. Para cada morte, fazia-se um caixão bonito, flores e coroas de plástico, rezava-se missa, vestia-se luto,

contavam-se piadas e preparava-se uma grande ceia, em que se assava um carneiro com ervas, que era servido junto a um vinho saboroso.

Quando Judas Morte morreu, seu irmão e padre, João Morte, aprendeu o ofício do morto e fez o caixão. Depois morreu o padre, e seu irmão, Tiago Morte, além de coveiro, tornou-se carpinteiro de caixão e rezador de missa. Quando Tiago morreu, Maria Morte teve que fazer o caixão, rezar a missa, tecer a mortalha e enterrar seu irmão.

Mas cada morte era uma festa, esperada e realizada com toda a pompa, uma vez que os irmãos-morte tinham suas economias e guardavam tudo para a celebração triunfal. Quando se mudaram para a fazenda, logo na primeira semana, Maria Morte voltara à cidade e encomendara algo que muitos estranharam: quatro cristaleiras luxuosas e com um detalhe esquisito: elas deveriam estar vazias, sem uma tábua sequer dividindo os compartimentos. Pagara a vista e, dois meses depois, uma enorme carroça transportara, em duas viagens, as cristaleiras, feitas da melhor madeira, com o melhor vidro e forradas com veludo vermelho.

O que ninguém na cidade sabia é que os caixões enterrados no cemitério da fazenda estavam vazios. Os irmãos faziam tudo isso para não despertar a atenção dos moradores das redondezas, uma vez que ninguém entendia que a morte é a única lei que é aplicada, cedo ou tarde, a todos, sem discriminação, sendo, por isso, digna de uma comemoração especial. Para eles a morte era o êxtase de uma revelação que só eles conheciam, pressentimento de uma eternidade misteriosa, caminhar solitário no deserto do silêncio.

Além de todas as cerimônias já conhecidas, eles inventaram uma ceia, mas era uma ceia com a participação do morto. O morto era colocado à mesa em lugar de destaque, todo bem lavado, embalsamado com ervas aromáticas e perfumes, e ficava ali extático com ar de poeta notívago, observando os comentários sobre episódios de sua vida, as piadas, a ceia, os cafezinhos. Quando o velho relógio marcava a meia-noite, um dos irmãos abria a cristaleira mortuária que já estava enfeitada de coloridas flores, complementemente perfumada, e lá colocava o defunto, convidado de

honra, todo paramentado com seu traje a rigor. Em vez de ser enterrado, o morto permanecia emparedado na cristaleira da sala principal do antigo casarão, participando de todas as coisas na vida daquela amorosa e estranha família. Assistia a todos os jantares, a todas as discussões, participava de todas as decisões. Dessa forma ele nunca era esquecido e a morte se perpetuava para alegria dos irmãos-morte. Aquela viria a ser a casa dos ossos secos. Quem me contou este caso acreditava piamente que Maria Morte era uma bruxa, uma vez que ela conhecia o poder misterioso de certas ervas e com elas embalsamava o morto, de maneira que não cheirava mal nem se deteriorava.

Os anos se passavam e o morto, já carne ressequida, continuava a ostentar sua presença em todas as ocasiões assim como as antigas múmias egípcias que permaneciam ou em casa ou em capelas, expostas por meses, às vezes anos, aos parentes para serem veneradas. Três cristaleiras já estavam decoradas com seus mortos, todos homens. A vida era tão banal, só na morte havia glória, e somente a morte dá sentido à vida e iguala todos os humanos. Esse era o verdadeiro espírito da morte. Em sua mortal sabedoria, nunca entenderam a felicidade da ressurreição de Lázaro. Como trazê-lo de volta à vida, quando ele já atravessava serenamente os umbrais do silêncio e da paz?

Quando um sino de uma igreja toca por um finado, na realidade, toca pela humanidade inteira já que a morte anda sempre grudada à nossa pele e somos todos cadáveres adiados no dizer de Pessoa, adiados e odiados no meu pensar. Será que alguns vivos já não estão mortos há tempos? Será que não há mortos que estão mais vivos do que muitos vivos? Não haverá no reino das trevas mais luz do que no reino do sol? A verdade cruel de tudo isso é que a única companheira inseparável da vida é a morte, a única amante de Deus, e que começamos a morrer desde que nascemos.

O mato tomava conta da fazenda, a porteira rangia e Maria Morte, enquanto dava, prazerosamente, os últimos alinhavos em sua própria mortalha como se fosse seu vestido de noiva, começou a sentir fortes dores no peito e muita falta de ar. Ela era a última que restara e cumprira seu ofício feliz, já que se sentia cansada em ser apenas um rascunho da morte. Levantava-se, tomava café, limpava a casa e depois

limpava as vitrines mortuárias e ajeitavaas uma de frente para a outra. Nunca se afastava de seus mortos queridos. Ela achava a morte linda a tal ponto que trouxe seu velho colchão e passou a dormir na sala, entre eles, a velarlhes o sono eterno. Era como se aquelas bocas já sem carne alguma, contassem, felizes, as estórias de todos os seus antepassados embalando assim o sono do último templário. Era o diálogo dos mortos. Aliás, os mortos possuem os atributos próprios de Deus. Insondáveis! Incompreensíveis!

Chegou o Natal e ela preparou uma ceia de carneiro com ervas, trancafiou bem a porteira e a casa toda e, lá pelas onze horas, sentou-se trajando sua impecável e bordada mortalha roxa. Nunca se casara, sua mortalha seria seu vestido de noiva e ela já sentia o hálito do noivo chegando. Olhava, comovida, seus três irmãos. As três cristaleiras recobertas de flores se iluminavam com as luzes das velas. Colocou na antiga vitrola um disco de Beethoven já arranhado pelo tempo, herança de seu avô, e olhou alegremente a quarta cristaleira vazia. Como eram lindos seus mortos! Isso sim que era morte, a morte serena, ali ostentada, eternizava-se. Enquanto ouvia a antiga música e comia satisfeita seu carneiro com ervas, tomando seu copo de precioso vinho, sentia no peito pontadas cada vez mais intensas. Fazia dois anos que estava sozinha e entristecia-se por estar viva, uma vez que já pertencia ao lado de lá. Não, agora ela não seguraria mais as rédeas da morte, já que passara a odiar o dom de viver.

Antes daquela suntuosa ceia, arrumara sua cripta com flores perfumadas, que ela havia confeccionado carinhosamente, e ajeitara a quarta cristaleira ao lado das outras três já ocupadas de maneira que cada uma ficasse de frente para a outra. Todos os mortos deveriam olhar um para o outro para que, no além, o diálogo pudesse continuar. O olhar de um morto, para os vivos, é uma coisa assombrosa, mas quando mortos se olham, o próprio tártaro se ilumina uma forma especial. Depois se banhara com ervas misteriosas.

O disco saiu fora da rotação da velha vitrola e o relógio secular, em poucos minutos, badalaria a meia-noite e, se ninguém desse corda, pararia para sempre. As dores no peito se tornavam insuportáveis e a respiração cada vez mais difícil. Um

pincel invisível começava a pintar de roxo sua boca já murcha que, agora sim, combinava perfeitamente com a cor do vestido de noiva. Era preciso que a morte fosse luxuosa e opulenta. Ela estava feliz como nunca estivera em todos os seus noventa anos; fartava-se com o carneiro, com o arroz, com os quindins. Afinal a morte tinha um gosto delicioso e uma cor belíssima. Quanto mais dor sentia, mais ria e mais vinho bebia. Finalmente enfeitaria definitivamente a sua cristaleira e contemplaria a face bela da morte. Era o início do mistério.

Lavou rapidamente a louça, jogou o resto da comida pela janela dos fundos, para uns velhos porcos que grunhiam lá fora, e a trancafiou com força; decorou a sala com flores e quatro belas coroas, acendeu mais algumas velas, olhou pela última vez seus irmãos, levou a mão ao peito e apreciou aquelas dores lancinantes. Abriu sua cripta nupcial, entrou e fechou-a por dentro esboçando o sorriso de quem estava preparada para a passagem da solitária fronteira. Sentiu um gélido sopro, enquanto um sino melancolicamente tocava ao longe impelido por misterioso vento marcando a chegada do Natal. Ela escolhera quando e como queria morrer.

As velas bruxuleantes queimavam respeitosas em prostração e, quando o relógio marcou meia-noite com doze badaladas, o vidro daquela quarta cristaleira foi-se enchendo aos poucos de um leve bafo. O último halo agonizante de vida explodiu contra o vidro frio, a palidez chegou suave, e as pupilas docemente se dilatavam. Não era preciso trazer o óbolo da passagem. Átropos, a dama da foíce que se veste de negro, com a face descarnada movimentava sua enferrujada tesoura. Findava-se ali a ceia dos mortos. Agora os mortos velavam seus mortos e principiava a suprema comunhão. O gozo da morte é somente para os iniciados. Só para esses são revelados o deslumbramento e o entorpecimento das trevas. Morrer é nascer ao contrário.

Os ponteiros do velho relógio pararam. Silêncio total, o silêncio excessivo que só os mortos conhecem. Nada.

Morte, aí está tua vitória. Morrer ou não morrer, esta sempre foi a questão. Sem a morte tudo seria possível. Sem a morte seríamos como deuses. Eternos.

Não fazemos mais que lidar com fantasmas e só não lidamos com esqueletos por simples repugnância. Admiro-me como ainda não chegamos ao extremo de guardar os nossos mortos em armários envidraçados providos de rodas, para nos acompanharem por toda a parte, a fim de que o defunto não perdesse nenhum dos nossos movimentos.

José Saramago. Terra do Pecado, p. 184.